



4584 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
 GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL: A UTILIZAÇÃO DE CARTILHAS NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA (1979-2017)
 Iara Augusta da Silva - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL: A UTILIZAÇÃO DE CARTILHAS NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA (1979-2017)

Resumo

Os estudos que tratam da história da alfabetização no Brasil tiveram início na última década do século XX, porém, vêm ganhando maior espaço e visibilidade nos anos 2000. Tendo como referência esses estudos, o presente texto apresenta as reflexões iniciais da pesquisa a respeito da trajetória histórica da alfabetização em Mato Grosso do Sul (MS) no período de 1979 a 2017, com foco no uso das cartilhas. Na realização da investigação buscou apoio em documentos, produções acadêmicas e obras relacionados à história da educação (ALVES, 2001, 2005, 2015) e à história da alfabetização (MORTATTI, 2012; FRADE; MACIEL, 2006; CARDOSO, 2011; AMÂNCIO, 2008; BERTOLETTI, 2006, 2018) no Brasil. Os resultados preliminares apontam a existência de um número pequeno de trabalhos científicos que abordam a história da alfabetização no estado de MS, como também a quase inexistência de acervos de materiais didáticos (livros escolares, por exemplo) em bibliotecas escolares, em centros vinculados às universidades e em institutos históricos sediados neste Estado da federação.

Palavras-chave: História da alfabetização; Material didático; Cartilha; Escola pública

Este trabalho tem a finalidade de expor as análises preliminares de uma pesquisa em andamento sobre a trajetória histórica da alfabetização no estado de Mato Grosso do Sul (MS) no período de 1979 a 2018, com foco especial no uso dos livros escolares (cartilhas) como um elemento constituinte da organização do trabalho didático nos anos iniciais do ensino fundamental. O interesse pelo estudo nasceu da constatação de escassez de produções acadêmicas e de acervos relacionados, especificamente, aos materiais didáticos (livros de leitura) utilizados no ensino da leitura e da escrita nas escolas públicas de MS.

Para desenvolver o relato da pesquisa procurou-se, a princípio, realizar uma investigação a respeito dos estudos que tratam da história da alfabetização no Brasil, na última década do século XX e anos iniciais de 2000, para, em seguida, discutir essa temática na singularidade do estado de Mato Grosso do Sul.

A história da alfabetização no Brasil: uma pequena incursão no estudo sobre os recursos didáticos (cartilhas escolares)

As pesquisas que abordam a história da alfabetização no Brasil tiveram início na última década do século XX, porém, vêm ganhando maior espaço e visibilidade a partir dos anos 2000^[1]. Isso pode ser confirmado pelo crescente volume de produções científico-acadêmicas que nascem de pesquisas empreendidas por diversos grupos de estudo e pesquisa sediados nas universidades do país e são publicados, com frequência, em forma de artigos nos Anais de Encontros e Seminários^[2] realizados em esferas nacional e internacional (MORTATTI, 2012; MORTATTI; FRADE, 2014).

Além disso, deve-se acrescentar que as revisões de literatura efetivadas pelos pesquisadores da área têm revelado também, embora em menor quantidade, o surgimento de dissertações e teses, muitas delas transformadas em livros, que tomam como objeto de investigação a história da alfabetização (FRADE; MACIEL, 2006). Dentre esses estudos podem ser citados, a título de exemplos, os apresentados no livro de Estela Natalina Mantovani Bertoletti (2006), *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do Povo e da cartilha Upa, cavalinho*, originado de sua dissertação de mestrado concluída em 1997 e na obra de Lázara Nanci de Barros Amâncio (2008), *Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso 1910-1930*, advindo de sua tese de doutorado defendida em 2000.

Entretanto, apesar das pesquisas já desenvolvidas nos últimos anos, pode-se dizer que há, no campo da história da educação no Brasil, um setor a ser explorado com mais vigor e amplitude, qual seja, o relacionado aos processos de ensino da leitura e da escrita, como também aos materiais didáticos usados na alfabetização. Cardoso e Amâncio, na Apresentação do livreto (catálogo) *Memória da alfabetização mato-grossense: o caminho das cartilhas*, esclarecem que:

Embora as pesquisas históricas venham ganhando abrangência e prestígio acadêmico cada vez maiores, continuam ainda relegados a um plano secundário e pouquíssimo explorados os estudos relativos à alfabetização e seus aspectos relevantes como: métodos de ensino de leitura e escrita, material didático próprio para a alfabetização, relações entre letramento e alfabetização, problemas de aprendizagem da leitura e da escrita, conteúdo abordado no processo de ensino-aprendizagem da língua escrita, cartilhas adotadas por alfabetizadores, concepções e tendências mais recorrentes etc. (CARDOSO; AMÂNCIO, 2006, p. 05).

No âmbito da discussão promovida pelas universidades sobre a trajetória histórica da alfabetização no Brasil, nos últimos anos, encontra-se um conjunto de estudos que trata especificamente dos materiais didáticos utilizados para ensinar as crianças a ler e a escrever. Dentre eles, estão os livros didáticos, isto é, as denominadas “cartilhas”, que desde longa data vêm se constituindo como um dos principais instrumentos do trabalho desenvolvido pelo professor alfabetizador nas escolas do país. Na atualidade, boa parte desses trabalhos de fundo histórico focalizam essencialmente os aspectos de produção, circulação e uso dos livros escolares. Frade e Maciel (2006), ao exporem o estudo desenvolvido pelo grupo institucional de pesquisa constituído por professores da UFMG, da UFPel/RS e da UFMT para aprofundar os conhecimentos sobre a história da alfabetização no Brasil (e especialmente sobre as cartilhas nos três Estados) nos séculos XIX e XX, tratam de aspectos que têm sido priorizados para realizar a análise dos livros escolares (“impressos pedagógicos”).

Conforme as escolhas metodológicas, alguns autores se concentram na análise do próprio impresso, buscando, a partir de algumas informações existentes no texto principal e no paratexto (capas, prefácios, folhas de rosto, etc.), pistas para a análise do que caracterizaria a natureza, a linha editorial, os aspectos materiais, os conteúdos e os temas tratados, assim como procuram a recuperação das equipes de trabalho para a compreensão das condições de produção desses impressos. No entanto, vários autores também buscam o cruzamento com outras fontes, tais como: dados do mercado editorial, citações em outras pesquisas e diversas informações que permitem compreender outras determinações inerentes ao campo da educação, sobretudo aquelas materializadas em leis, decretos e relatórios de Província (FRADE; MACIEL, 2006, p. 10).

Quanto aos pressupostos teórico-metodológicos que embasam as pesquisas sobre a história da alfabetização e a do livro escolar, percebe-se que há, atualmente, no meio acadêmico do Brasil, o predomínio acentuado (hegemônico) de uma linha de abordagem denominada “história cultural” (“sociologia da cultura”). Autores franceses como André Chervel, Roger Chartier, Alain Choppin, Pierre Bourdieu, Jean-Claude Forquin e Dominique Julia são considerados uma referência basilar para essa abordagem. Entre os pesquisadores brasileiros que comungam com essa orientação teórica, encontram-se estudiosos de renome nacional, quais sejam: Circe Bittencout, Décio Gatti Junior, Kazumi Munakata, Vera Teresa Valdemarin e Rosa Fátima de Souza. Um número considerável de artigos, dissertações e teses que tratam de estudos sobre o livro escolar é fundamentado teoricamente a partir das obras produzidas por esses autores.

Mortatti (2012, p. 08) referenda essa afirmação ao analisar as exposições e mediações de mesas-redondas do I Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita (I SHIELE), realizado na UNESP de Marília, em 2010 e afirmar, dentre outras coisas, que “[...] a vertente teórica e a abordagem metodológica predominantes na definição de métodos de investigação e de procedimentos de análise das fontes documentais [dentre elas os livros escolares] são as propostas pela ‘história cultural’, em especial com influência francesa”.

Para os autores que seguem a referida perspectiva, o livro escolar é entendido como um “artefato” que comporta a cultura escolar de um determinado período histórico, sendo, portanto, uma fonte de pesquisa. Por isso, é considerado um material importante para os pesquisadores das práticas culturais que constituem a história das instituições escolares e da alfabetização em especial.

Observa-se, no entanto, que os adeptos dessa vertente teórica não descartam aspectos como o mercado editorial e a política do livro didático. Contudo, fica evidente que o foco central desses estudiosos é o livro escolar como um documento portador da cultura escolar (objeto cultural).

Na presente pesquisa, procura-se seguir uma abordagem teórica que busca entender a alfabetização e os manuais didáticos no interior da organização do trabalho didático^[3], tendo sua gênese e desenvolvimento a partir de necessidades próprias das relações sociais estabelecidas em uma determinada época histórica.

Para compreender a natureza histórica da organização do trabalho didático e do manual didático, é necessário recuar aos primórdios da escola moderna. No século XVII, por exemplo, João Amós Comênio (1592-1670), ao produzir a *Didáctica magna*, lançou as bases do trabalho didático moderno (divisão em níveis de ensino, séries e áreas do conhecimento) seguindo os moldes da organização da sociedade da época: a organização manufatureira de produção material. Esse pensador teria sido o primeiro a elaborar, de forma sistemática e detalhada, uma didática na perspectiva moderna.

Comenius está na origem da escola moderna. A ele, mais do que a nenhum outro, coube o mérito de concebê-la. Nessa empreitada, foi impregnado pela clareza de que o estabelecimento escolar deveria ser pensado como uma *oficina de homens*; foi tomado pela convicção de que a escola deveria fundar a sua organização tendo como parâmetros *as artes*. Note-se que *artes*, segundo acepção dominante à época em que viveu Comenius, abrangiam também as manufaturas (ALVES, 2001, p. 81).

Ao conceber a escola moderna, Comênio criou uma forma histórica concreta de organização do trabalho didático, necessária para atender às demandas de sua época^[4]. Nesta organização do trabalho didático idealizada pelo pensador morávio, o manual didático passa a assumir uma posição de destaque, a tornar-se o “instrumento por excelência do professor”. Como ocorria no âmbito das manufaturas, o professor começava a se submeter a um instrumento de trabalho. Esse movimento de subordinação do professor ao manual didático não pode, portanto, ser dissociado do processo da simplificação e da objetivação do trabalho que ocorria na sociedade em geral, como também no âmbito das instituições escolares, nesse período histórico.

No plano teórico, portanto, a produção do material didático, nas origens da escola moderna, originou o texto escolar no sentido estrito. Ela representou o surgimento de um novo tipo de instrumento do trabalho docente, agora especializado, pois sua razão de ser vinculava-se especificamente à simplificação e à divisão do trabalho didático. Seu uso na escola realizou relevante incursão a fim de impor o domínio do instrumento de trabalho sobre o professor. Logo, a singularidade da denominação *manual didático* implica, necessariamente, todos esses aspectos reveladores de sua historicidade (ALVES, 2015, p. 09).

O manual didático, nessa vertente de análise, fundamentada numa perspectiva histórica, é visto como um instrumento central na organização do trabalho didático moderno. É, justamente, essa tecnologia educacional que tem

dado a tônica do ensino em sala de aula e, nesse sentido, críticas contundentes lhe são feitas, cuja natureza estaria atrelada à organização do trabalho didático criada no período das manufaturas, primórdios do modo de produção capitalista.

Para alguns autores (ALVES; CENTENO; LANCILLOTTI; SOUZA), cujas produções contribuem para a fundamentação da presente pesquisa, o manual didático moderno é um instrumento que revela a natureza do conhecimento que hoje é oferecido aos estudantes que frequentam a escola pública. Segundo esses estudiosos, não é adequado se referir teoricamente a mais ou a menos qualidade desse instrumento pedagógico, posto que ele detém a qualidade que lhe foi conferida pela sociedade em uma determinada época histórica.

Quando se realiza uma análise pormenorizada sobre o tema alfabetização percebe-se que, no Brasil, encontram-se Estados como Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Espírito Santo que, já há algum tempo, vêm se destacando em âmbito nacional nessa área da educação devido à significativa contribuição prestada por eles mediante a produção de trabalhos científicos por parte de estudiosos provenientes dessas unidades da federação (MORTATTI, 2000, 2012; MORTATTI e FRADE, 2014; FRADE e MACIEL, 2006).

Esses Estados, por meio de instituições de ensino superior renomadas, como a UFMG, UNICAMP, USP, UNESP/Marília, UFPel/RS e UFMT, concentram, de certa forma, o debate sobre a alfabetização, especialmente em decorrência do trabalho desenvolvido no interior dos programas de pós-graduação em educação, os quais, de um modo geral, desde as últimas décadas do século XX, têm conquistado espaço e prestígio. Isso porque esses programas, para desenvolver as suas atividades acadêmicas, constituem grupos de estudo envolvendo professores e estudantes com o propósito de coordenar e incrementar pesquisa em diversos campos do conhecimento a partir da elaboração e da execução de projetos de pesquisa.

Dessa forma, no que se refere especificamente à questão da alfabetização, é possível destacar alguns grupos de pesquisa, centros e núcleos que apresentam uma longa trajetória de trabalho em prol da ampliação e do aprofundamento das discussões a respeito da história do ensino da leitura e da escrita, como também do uso dos materiais didáticos. Dentre eles, podem ser citados: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE, criado em 1990) - UFMG; Grupo de Pesquisa História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil (GPHELLB, criado em 1994) - Unesp/Marília; Grupo de Pesquisa Alfabetização e Letramento Escolar (ALFALE, criado em 2001) - UFMT; Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES, criado em 2006) - UFPel; Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação no Brasil (NIEPHE, criado em 1996) - USP; Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita (ALLE, fundado em 1998) - UNICAMP; Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (NEPALES, criado em 2006) - UFES (MORTATTI, 2012; FRADE e MACIEL, 2006; Portal do CNPq - Diretório de Grupos de Pesquisa, 2017).

Os integrantes desses grupos de pesquisa, centros e núcleos têm produzido uma série de produções acadêmicas (dissertações, teses, artigos de revista, capítulos de livros e livros) reconhecidas nacional e internacionalmente. Esses estudos são apresentados, com frequência, em encontros e seminários realizados no Brasil e em outros países, o que é fundamental para a circulação e para o intercâmbio das pesquisas sobre alfabetização desenvolvidas em diferentes localidades.

Além disso, esses grupos de pesquisadores, juntamente com outros setores da universidade organizam e administram centros (institutos) destinados à conservação de acervos relacionados à documentação da história da educação e à memória da alfabetização (bancos de dados de fontes historiográficas). Deve-se frisar que esses centros vinculados às universidades e outras instituições da sociedade possuem acervos importantes de livros escolares (cartilhas), devidamente catalogados e disponíveis para acesso dos estudiosos como, por exemplo, o Centro de Documentação do Núcleo de Pesquisa em Educação (NUPED), localizado na Universidade Federal de Mato Grosso. O acervo do NUPED, merece atenção especial da pesquisa que se tem desenvolvido, uma vez que reúne um número significativo de cartilhas que circularam nas escolas de Mato Grosso, o que pode servir de referência para os estudos das cartilhas utilizadas em Mato Grosso do Sul, após a divisão do Estado (1979).

Cardoso e Amâncio (2006, p. 6-7), ao ponderarem sobre a importância do NUPED, no sentido de construir um acervo de documentos e de livros para fundamentar as pesquisas sobre alfabetização, apontam as dificuldades enfrentadas pelo Grupo de Estudo ALFALE/UFMT para desenvolver este Centro de Documentação, tais como: encontrar espaço adequado para preservar o acervo; localizar, selecionar, organizar e catalogar o acervo para ser disponibilizado ao público; constituir equipes para dar suporte às pesquisas que vão (re)construir os significados das fontes (cartilhas, livros didáticos, manuais de professor, compêndios, materiais de alfabetização, projetos, relatórios, livros de registros diversos, cadernos de alunos e de professores, diários de classe etc.) adquiridas por meio da análise sistemática delas.

Deve-se frisar que muitos pesquisadores do Brasil, voltados para os estudos sobre a produção e circulação de cartilhas, são incisivos em afirmar as dificuldades que eles têm enfrentado para identificar e localizar as cartilhas que circularam e/ou circulam nas escolas dos diferentes Estados do país. O que, já há bastante tempo, tem exigido um esforço coletivo e concentrado dos grupos de estudo e pesquisa do país, com o propósito de reunir e catalogar esse material. Na Apresentação do livro *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séculos XIX e XX)*, Magda Soares procura explicar as razões do descuido com a preservação das fontes historiográficas relacionadas à alfabetização, dentre elas os livros didáticos.

Ficam algumas poucas e raras fontes de pesquisa: documentos legais que buscam determinar ou orientar o trabalho docente, cadernos de professores, de alunos, livros didáticos... sobretudo, talvez, livros didáticos, que mais objetivamente permitem recuperar como se concebia o processo de alfabetização, como se traduzia essa concepção em métodos, em propostas didáticas, até mesmo como se desenvolvia o ensino e a aprendizagem na sala de aula. Mas livros didáticos são considerados material descartável, poucos sobrevivem ao uso - e desuso - que deles é feito, não são preservados

nas bibliotecas domiciliares e raramente fazem parte do acervo de bibliotecas públicas. O que dizer, então, desse descarte, quando se consideram cartilhas usadas em séculos passados, aqueles livrinhos para as primeiras letras, valorizados, se é que o eram, só durante o período em que ensinavam uma criança a ler, logo abandonados e rejeitados em favor de livros com mais páginas, com textos mais longos, livros “de verdade”? (SOARES, 2006, p. 7-8).

A alfabetização em Mato Grosso do Sul: algumas considerações preliminares

No que diz respeito ao estado de Mato Grosso do Sul, considerando as investigações já realizadas, pode-se dizer que não são muitos os estudos e publicações que versam especificamente sobre a história da alfabetização e o uso dos livros escolares (cartilhas) nas escolas públicas dessa unidade da federação. A participação em eventos acadêmicos nos anos iniciais do século XXI^[5] e a análise das produções divulgadas em seus respectivos Anais, por exemplo, indicaram a quase ausência de pesquisas sobre a temática focada na experiência e na trajetória educacional de MS. Santos e Bertoletti (2014), ao realizarem um estudo com o propósito de levantar a bibliografia que trata da alfabetização em Mato Grosso do Sul, produzida nas universidades do Estado (UEMS, UFMS, UFGD e UCDB) no período de 1996 a 2013, constataram que as pesquisas existentes são recentes e em pequeno número.

Além disso, no transcorrer da pesquisa que ora está sendo relatada, foi realizado um levantamento da literatura (documentos, artigos, dissertações e teses) que trata da história da alfabetização e do uso das cartilhas nas escolas públicas de Mato Grosso do Sul nos bancos de dados de universidades do próprio Estado, nas últimas décadas do século XIX e nos anos 2000. Como resultado, também, poucos materiais que poderiam auxiliar na compreensão dessa temática foram encontrados. Dentre eles, pode-se destacar os escritos por SENA e BRITO (2007); GONÇALVES (2009); ESPÍNDOLA (1998); VARGAS (2002); SOUSA (2014); SANTOS e BERTOLETTI (2014); BERTOLETTI e SILVA (2016) e SOARES (2016).

Foram encontrados e catalogados, ainda, alguns documentos produzidos no âmbito da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS) nas décadas de 1980, 1990 e anos 2000, os quais fazem referências, mesmo que de forma sucinta, em alguns casos, às políticas de educação voltadas especificamente para os anos iniciais da educação básica (incluindo a alfabetização e os livros didáticos).

Nestes documentos^[6], é possível identificar programas, projetos, metas e ações empreendidos pelo governo estadual relacionados às seguintes questões: a) diretrizes para a organização do currículo do ensino fundamental; b) fundamentos teóricos e metodológicos da alfabetização; c) métodos de alfabetização; d) ciclos de aprendizagem na alfabetização; e) implementação de experiências diferenciadas sobre alfabetização em escolas da rede estadual, como o Projeto TAL: Travessia, Alfabetização e Letramento (MATO GROSSO DO SUL, 1996, p. 38-39), o Projeto Reforço à Alfabetização e Projeto Desdobramento do Processo de Alfabetização (MATO GROSSO DO SUL, 1985, p. 10 e 17); f) aquisição, distribuição e utilização de materiais didáticos (livros didáticos/cartilhas, livros paradidáticos, livros de literatura infantil); g) valorização do trabalho do professor alfabetizador por meio da formação inicial e continuada.

Mediante o exposto, tem-se desenvolvido uma investigação voltada para a análise da história da alfabetização e dos materiais didáticos (cartilhas) utilizados no ensino da leitura e da escrita pelas escolas públicas de Mato Grosso Sul. Para tanto, definiu-se como marco temporal da pesquisa o período de 1979 a 2017, ou seja, aquele que se estende da divisão do estado de Mato de Grosso^[7] até a atualidade.

A justificativa para a delimitação desse recorte temporal deve-se a duas razões. A primeira, trata-se da quantidade significativa de produções sobre a história da alfabetização e o uso de materiais didáticos para o ensino da leitura e escrita em escolas de Mato Grosso (1910-1979) já desenvolvidas e disponibilizadas para os estudiosos da temática, principalmente publicadas pelas pesquisadoras da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Lázara Nanci de Barros Amâncio e Cancionila Jankovski Cardoso (Grupo de Pesquisa Alfabetização e Letramento Escolar - ALFALE)^[8].

Além das referidas estudiosas, deve-se ressaltar que Bertoletti, educadora e pesquisadora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade universitária de Paranaíba, também tem desenvolvido estudos sobre a história da alfabetização em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em 2016, por exemplo, Bertoletti e Silva publicaram um artigo em que analisam a produção e a circulação de materiais didáticos para o ensino da leitura e da escrita em escolas de Paranaíba/MS, durante o período de 1928 a 1961^[9].

Essas produções, a princípio, são suficientes para revelar a trajetória histórica da alfabetização em Mato Grosso no referido espaço temporal (1910-1979), como também são importantes para subsidiarem a pesquisa que vem sendo realizada.

A segunda razão para a escolha do recorte de tempo da pesquisa refere-se à dificuldade para identificar e adquirir os materiais didáticos (cartilhas) usados no ensino da leitura e da escrita em períodos remotos, como também documentos produzidos no âmbito de instituições relacionadas à educação, visto que é muito raro encontrar espaços próprios para conservar esse tipo de fonte histórica em bibliotecas públicas ou privadas, institutos históricos ou secretarias de educação^[10].

O trabalho e a produção de grupos de estudo e pesquisa de universidades de Mato Grosso do Sul têm servido, também, de referência para as investigações que se tem desenvolvido sobre a história da alfabetização no Estado de MS. Dentre esses grupos, podem-se destacar os seguintes: a) Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Interdisciplinar de Professores (GEPFIP), UFMS (Aquidauana); b) Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagem, Educação e Infância/Teoria Histórico-Cultural (GEPLI/THC), UFMS (Três Lagoas) c) Grupo de Estudo e Pesquisa em Narrativas Formativas (GEPENAF), UEMS (Campo Grande); e d) Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira (GEPHEB), UEMS (Paranaíba) (Portal do CNPq – Diretório de Grupos de Pesquisa, 2017).

Para desenvolver a pesquisa relatada neste texto procurou-se observar os seguintes aspectos: a época histórica (relações econômicas e políticas) em que o material didático foi produzido para verificar a necessidade do uso desse material no âmbito da organização do trabalho didático da escola moderna; a época e o espaço de circulação das cartilhas; os meandros do mercado editorial internacional e nacional no período investigado; a configuração dos livros escolares enquanto um instrumento basilar do trabalho do professor alfabetizador (conteúdo, método, procedimentos metodológicos, aspectos físico-editoriais).

Com esse propósito buscou-se, inicialmente, intensificar as estratégias para fazer o levantamento, o cadastramento e análise de materiais didáticos (cartilhas) que, de alguma forma, possam auxiliar no desvelamento da concretude da trajetória histórica da alfabetização em Mato Grosso do Sul, no período delimitado (1979 a 2017). Para isso, tem sido feito um registro sistemático (catalogação) dos livros usados nas escolas públicas de MS, tendo como base a aplicação de uma ficha de coleta de dados, que é preenchida por professores, coordenadores pedagógicos e gestores que participam dos Encontros para estudo e desenvolvimento da pesquisa. Fora isso, tem-se realizado um esforço para montar um acervo de livros adquiridos por meio de doações de profissionais que trabalham nas escolas públicas do Estado e que demonstram interesse nesta investigação. Tendo como base os materiais já catalogados é possível afirmar que a Cartilha *Caminho Suave*, de Branca Alves de Lima foi utilizada, com frequência, para alfabetizar crianças em escolas públicas de MS, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Dentre outras Cartilhas que foram usadas na alfabetização em MS, pode-se citar as seguintes: Cartilha *Upa, Cavalinho!*, de Lourenço Filho (1967); Pré-Livro *O barquinho amarelo*, de Iêda Dias da Silva (1980); Cartilha *Alegria do Saber*, de Lucina Maria Marinho Passos (1988); Cartilha *Convite à leitura*, de Gilda Piedade Luciola Vannucci (1980); Cartilha *Pipoca*, de Paulo Nunes de Almeida (data não informada); Cartilha *Porta de papel*, de Angiolina Domanico Bragança, Isabella Pessoa de Melo Carpaneda e Regina Iara Moreira Nassur (1991).

Com a intenção, também, de fazer um levantamento preliminar sobre a história da alfabetização em MS, foram elaborados quadros demonstrativos da produção científica (artigos, dissertações e teses) em universidades do estado de Mato Grosso do Sul (UEMS, UFMS, UCDB, UFGD), de documentos e normas legais publicados pelo Ministério da Educação (MEC), Secretaria Estadual de Educação (MS) e Secretaria Municipal de Educação (Campo Grande). A análise desses quadros demonstrativos revela, antes de mais nada, informações preciosas sobre a questão da organização do trabalho didático na alfabetização em Mato Grosso do Sul, que poderão ser organizadas e sistematizadas por períodos, por localidades (municípios) e por especificidade de assuntos referentes à esta temática.

No que se refere especificamente à produção acadêmica foram encontrados, no período de 1979 a 2017, dissertações e artigos que abordam diferentes aspectos da questão da alfabetização no Brasil e em MS. Dentre esses aspectos podem ser elencados os seguintes: a) processo histórico da organização do trabalho didático sobre a alfabetização nas escolas e nos grupos escolares de MT/MS (manuais didáticos, relação educativa e prédio escolar); b) políticas públicas de educação (programas e projetos) do governo federal e do governo estadual/municipal de MS para a alfabetização (PNLD, PNAIC, Programa Pró-Letramento, Programa de Formação de Professores Alfabetizadores - PROFA, Programa Além das Palavras/Alfa e Beto, Travessia, Arte e Letramento: o Projeto TAL); c) avaliação de sistema na alfabetização no Brasil e em MS (Provinha Brasil, ANA); d) política de formação inicial e continuada do professor alfabetizador nas redes municipal e estadual de MS; e) alfabetização nas escolas das comunidades Terena de MS; f) ciclos na organização do processo de alfabetização no Brasil e em MT/MS; g) trajetória histórica da alfabetização em MT/MS (diários de classe, livros didáticos, legislação, documentos, relatos dos professores); h) práticas didáticas de alfabetização em sala de aula: a atuação do professor; i) política e gestão do processo alfabetizador na relação PAR/PNAIC; e j) concepção teórico-metodológica de alfabetização a partir de diferentes autores.

É necessário, enfim, reafirmar a dificuldade que se tem enfrentado para fazer o mapeamento dos materiais didáticos (cartilhas) que circularam e circulam nas escolas de MS (1979-2017), tendo em vista a quase inexistência de acervos de materiais didáticos (livros didáticos, por exemplo) em bibliotecas escolares, em centros vinculados às universidades e em institutos históricos sediados neste Estado da federação. Desta forma, espera-se, com a pesquisa em andamento, contribuir com os estudos a respeito da trajetória histórica da alfabetização e do uso de cartilhas nas escolas públicas de Mato Grosso do Sul, tendo em vista que pelo estudo preliminar realizado, constatou-se a existência de um número pequeno de trabalhos sobre o tema.

Referências

- ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. Campo Grande, MS: Ed. da UFMS; Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- ALVES, Gilberto Luiz. **O trabalho didático na escola moderna**: formas históricas. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- ALVES, Gilberto Luiz. Textos escolares do ensino secundário no Brasil: da época jesuítica aos nossos dias. In: ALVES, Gilberto Luiz (Org.). **Textos escolares no Brasil**: clássicos, compêndios e manuais didáticos. Campinas, SP: Autores Associados, 2015, p. 05-60.
- AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. **Ensino de leitura e grupos escolares**: Mato Grosso 1910-1930. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2008.
- BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. **Lourenço Filho e a alfabetização**: um estudo de Cartilha do Povo e da cartilha Upa, Cavalinho!. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Usos de *Caminho Suave* nas práticas de alfabetização: diferentes apropriações. **Revista Brasileira de Alfabetização - ABAIf**. Vitória, ES, v. 1, n. 7, jan./jun., 2018, p. 85-102.
- BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; SILVA, Márcia Cabral da. Cultura escrita na escola primária: a circulação de livros didáticos para ensino de leitura (1928-1961). *Revista Brasileira de História da Educação (RBHE)*. Maringá, PR, v. 16, n. 1 (40), jan./abr., 2016, p. 373-403.
- BITTAR, Marisa. **Estado, educação e transição democrática em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS,

1998.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski; AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros (Orgs.). **Memória da alfabetização mato-grossense: o caminho das cartilhas**. Rondonópolis, MT: EdUFMT, 2006.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski. **Cartilha Ada e Edu**: produção, difusão e circulação (1977-1985). Cuiabá, MT: EdUFMT, 2011.

COMÊNIO, João Amós. **Didáctica magna**: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

ESPÍNDOLA, Ana Lúcia. **A alfabetização no Estado de Mato Grosso do Sul**: 1979-1990 – limites e possibilidades das inovações nas propostas pedagógicas. 1998. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1998.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Orgs.). **História da alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séculos XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

GONÇALVES, Arlene da Silva. **Os grupos escolares no estado de Mato Grosso como expressão da política pública educacional**: o Grupo Escolar Joaquim Murinho, em Campo Grande, no sul do Estado (1910-1950). 2009. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

MATO GROSSO DO SUL. **II Plano Estadual de Educação (1985-1987)**: educação para a democracia. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação, 1985.

MATO GROSSO DO SUL. **Educação em Mato Grosso do Sul - Princípios Norteadores**: A cidadania começa na escola. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação, 1996.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**: (São Paulo/1876-1994). São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. O I Seminário Internacional sobre história do ensino de leitura e escrita. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **A alfabetização no Brasil**: uma história de sua história. São Paulo: Editora Unesp; Marília, SP: Oficina Universitária, 2012, p. 01-21.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Orgs.). **Alfabetização e seus sentidos**: o que sabemos, fazemos e queremos?. São Paulo: Editora UNESP; Marília, SP: Oficina Universitária, 2014.

SANTOS, Gislaine Pereira; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Bibliografia sobre alfabetização em Mato Grosso do Sul: estudo preliminar. Anais. **ENEPEX - Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão: 8º ENEPE - UFGD e 5º EPEX - UEMS**. Dourados, MS: UFGD, 20 a 24 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://www.uems.br/noticias/detalhes/enepepx>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SENA, Divino Marcos de; BRITO, Sílvia Helena Andrade de. A organização do trabalho didático na escola moderna: o caso do Grupo Escolar Luis de Albuquerque (Corumbá/MT, 1924-1970). In: ALVES, Luiz Gilberto (Org.). **Pensamentos e prática educacionais**: entre clássicos, instituições escolares, educadores e o mercado. Campo Grande, MS: Ed. UNIDERP, 2007, p. 93-119.

SOARES, Fabiano Francisco. **A formação continuada de professores alfabetizadores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) na rede estadual de ensino do Estado de Mato Grosso do Sul**. 2016. 127f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

SOARES Magda. Apresentação. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Orgs.). **História da alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séculos XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006, p. 7-8.

SOUSA, Sandra Novais. **O cenário educativo em Mato Grosso do Sul**: as cores e o tom da alfabetização com os programas “Alfa e Beto” e PNAIC. 2014. 204f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

VARGAS, Nelize de Araújo. **Travessia, Arte e Letramento**: O Projeto TAL – análise de uma experiência de implantação de ciclos de aprendizagem no município de Costa Rica (MS). 2002. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2002.

[1] Mortatti (2012, p. 02) explica que “[...] nesta primeira década do século XXI constata-se a tendência à história da alfabetização se constituir como campo de conhecimento específico e autônomo, por meio da crescente definição de objetos de estudo, fontes documentais, vertentes teóricas e abordagens metodológicas”. Ver também Frade e Maciel (2006, p. 10-13).

[2] São exemplos: o I Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita (I SHIELE), realizado na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Marília, de 08 a 10 de setembro de 2010; I Congresso Brasileiro de Alfabetização (I CONBAIf) e o II Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita (II SHIELE), realizados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no período de 08 a 12 de julho de 2013.

[3] Alves (2005, p. 10-11) explica que a organização do trabalho didático envolve três aspectos: “a) ela é, sempre, uma *relação educativa* que coloca, frente a frente, uma *forma histórica de educador*, de um lado, e uma *forma histórica de educando* (s), de outro; b) realiza-se com a *mediação* de recursos didáticos, envolvendo os procedimentos técnico-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão do conhecimento; c) e implica um *espaço físico* com características peculiares, onde ocorre”.

[4] Na *Didáctica magna* (1657), o fio condutor é a universalização do conhecimento. Como representante da Reforma Protestante, Comênio pleiteava o direito de todos os fiéis de aprender a ler e a escrever, como uma forma de acesso aos ensinamentos da Sagrada Escritura, considerada a fonte para a salvação das almas. A defesa da universalização é marcada por uma expressão sistematicamente repetida na obra: ensinar tudo a todos. O autor (1996, p. 139) afirma ainda que, “[...] devem ser enviados às escolas não apenas os filhos dos ricos ou dos cidadãos principais, mas todos por igual, nobres e plebeus, ricos e pobres, rapazes e raparigas, em todas as cidades, aldeias e casais isolados”.

[5] São eles: I Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita (I SHIELE), realizado na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Marília em 2010; I Congresso Brasileiro de Alfabetização (I CONBAIf) e o II Seminário

Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita (II SHIELE), realizados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMS) em 2013.

[6] Dentre esses documentos, encontram-se Planos Estadual de Educação (1985, 1988); Propostas de Educação para o Estado de Mato Grosso do Sul (1991, 1996, 1999, 2003-2006); Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental (1989, 1992); Diretrizes Gerais para Alfabetização (1993); Proposta Político-Pedagógica para o Ensino Fundamental (2000); Proposta Metodológica de Língua Portuguesa [alfabetização] (2000); Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul (2012).

[7] A divisão do estado de Mato Grosso e a criação de Mato Grosso do Sul, após um longo período de históricas “manifestações divisionistas” empreendidas por grupos ligados a frações da classe dominante que residiam no sul do antigo Estado, foi concretizada por meio da Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977, sancionada pelo então Presidente da República Ernesto Geisel. A instalação oficial da nova unidade federativa na União ocorreu em 1º de janeiro de 1979, com a posse dos deputados constituintes eleitos em 1978 e do primeiro governador, Harry Amorim Costa, designado pelo governo federal (BITTAR, 1998, p. 32-36).

[8] Deve-se colocar que no período de 1979 a 2017, as professoras e pesquisadoras da UFMT (Amâncio e Cardoso), conforme investigação realizada durante a presente pesquisa, deram continuidade à produção e à publicação de estudos sobre a alfabetização nas escolas do estado de Mato Grosso.

[9] Bertoletti (2018) desenvolve, também, um estudo a respeito da utilização da cartilha *Caminho Suave*, de Branca Alves de Lima por alfabetizadores durante as décadas de 1950 e 1980, no município de Paranaíba/MS.

[10] No Centro de Documentação e Memória da Educação Sul-Mato-Grossense (CEDOCMS) da UEMS (Paranaíba) é possível encontrar acervos de documentos e materiais didáticos relacionados à história da educação em MS (Portal da UEMS/Paranaíba).